

## O Destino de três Sombras

JOSÉ VALDO RIBEIRO RAMOS

Guardo bem viva na memória a fisionomia de três jovens, contemporâneos de estudos, todos um pouco mais velhos do que eu, naquêles tempos em que fazíamos preparatórios parcelados, sob as vistas severas de mestres competentes e austeros que integravam o corpo docente do velho Liceu, na então Praça dos Voluntários, sombreada por venerandas castanholeiras.

Tudo isso vai, já, muito longe. E do aspecto daquêles tempos a praça e os edifícios que a circundam quase nada têm que relembre sua feição primitiva e simples.

A administração pública de mãos dadas com arquitetos e urbanistas, para um plano de embelezamento da cidade, transformara completamente o cenário, tornando-o quase irreconhecível, de tão diferente.

Quando recorro essa fase inicial de minha vida, eu a re-vejo em imaginação tal qual era, e assinalo aqui e alí todos os pontos e lugares de minhas boemias de liceista, e na minha saudade crescem os vultos de meus companheiros, muitos dos quais se guindaram pelo talento ou pela política a posições invejáveis, enquanto outros deslisam como sombras que se diluem na distância.

Porque o interêsse pelo estudo fôsse maior ou porque não tivesse a cidade provinciana tantas diversões quantas as há atualmente, o certo é que os moços daquele tempo estudavam mais, revelavam cultura mais metodizada e mais segura, versando sem esforço as matérias de sua predileção, ministradas por verdadeiros apóstolos do ensino, ainda hoje lembrados pela austeridade e nobreza com que se conduziam nas suas funções.

A velha Praça dos Voluntários revive, ainda hoje, na minha saudade, e às vezes, ao me demorar nos seus bancos modernos e ao contemplar sua arborização e desenhos de seus canteiros, sinto-me sem o querer impellido para o passado e, ao envés de lâmpadas elétricas, eu vejo lampiões de gás, e, à luz por êies projetada sobre o pavimento, desenham-se aos meus olhos três vultos que são três sombras.

A geração a que pertenceram vai agora descendo a espenda da montanha, sentindo aos poucos avizinhar-se com os primeiros cabelos brancos que lhes ornem as têmporas, o Lôr do sol da vida. Entretanto seus nomes não podem ser esquecidos na história da nossa formação intelectual, porque de verdade foram três gênios, tragados ainda na primavera pela fúria brutal do destino que, às vezes, vibra golpes tão profundos, de uma injustiça que aterra.

Newton Craveiro. Mário da Silveira e Pancrácio Lima de Castro e Silva são três grandes inteligências que perdeu o Ceará. três nobres rebentos dessa raza forjada no cadinho da adversidade, no calor deste sol faiscante que acende vulcões no coração e no cérebro de seus filhos.

Cultos e estudiosos, apesar da pouca idade, refugiando-se na ciência e na arte, quando tinham diante de sí uma mocidade cheia de sonhos, nesses domínios desenvolveram suas atividades, assegurando as mais risonhas promessas com os primeiros trabalhos científicos ou literários que produziram. Aguardava-os, porém, destino adverso.

Newton Craveiro, jovem e sábio, dava magistrais lições de sabedoria da natureza, explicando com lógica e profundez a origem dos mundos; Mário da Silveira declamava odes, analisando a beleza dos versos, a cadência das estrofes, a riqueza das rimas, comentando longos trechos da Eneida, como um verdadeiro namorado das musas, um grego desambientado no seu tempo, e Pancrácio Lima, o orador impetuoso, ardente, que inflamava as massas, que as levava ao delírio, entre palmas estrepitosas.

Não sei a quem dos três feriu mais cruelmente o destino. Newton depois de sagrado escritor e conquistado respeito e admiração entre os que no nosso meio se dedicam à carreira das letras, pereceu em pleno fastígio da sua glória, quando lhe sorria um futuro brilhante. Mário da Silveira, poeta genial, para quem a arte de escrever em verso não tinha segredos, profundo conhecedor da mitologia e da história — “boêmio sem vícios e sem maldades”, — resvalou na morte, numa noite fria de Agosto, na praça pública, em plena mocidade radiante de esperanças e de sonhos. E Pancrácio Lima, depois de ter desperdiçado pelos grêmios e academias literárias da época, um tesouro imenso de talento transformado em aloquções vibrantes de oloquência, de conceitos, em linguagem de mestre, foi encerrado entre as paredes de um manicômio, porque um dia apagara-se-lhe a lufada tempestuosa do destino, a luz da razão que iluminava um cérebro privilegiado.

A êles estaria reservado um futuro brilhante no cenário das letras pátrias, pois, dedicando-se desde muito moços, de de acôrdo com as suas aptidões, à arte de escrever e às leituras, eram senhores de um lastro de conhecimentos sólidos, assim de ciências como de arte. A idade iria aperfeiçoá-los através do estudo mais apurado, de par com as lições da experiência, que é sempre a mestra inexorável, que ganha mais em eficiência quanto o mais o tempo cresce.

Dos três, Newton Craveiro era o mais profundo, tendo publicado sob o título "QUEM É O SERTANEJO" — substancial estudo sociológico que a crítica de todo o país acolheu com elogios, e "JOÃO PERGUNTA", — livro didático, de orientação segura e maior alcance pedagógico.

Mário da Silveira era o artista cioso da beleza perfeita, inspirado poeta de "O CANTO da BELEZA NOVA", — e elegante prosador de "A SUA VE IRONIA", — páginas mimosas, joias literárias de fino valor clássico, que mãos amigas enfeixaram em "CORÔA DE ROSAS E DE ESPINHOS" —, numa comovida homenagem póstuma a quem tão alto subira. Poeta lírico e espontâneo, à sua musa devem as nossas letras versos da mais alta inspiração e delicadeza :

Sedenta de odio, cega de despeito,  
Nesta penosa e transitória lida,  
A alma dos homens pérfida e atrevida,  
Perde às coisas mais nobres o respeito.

Dizem: "Tudo o que sentes no teu peito  
Há de um dia passar, — porque na vida  
Tudo é incenso subtil, poeira diluida,  
O que é terreno, é efêmero e imperfeito.

Um grande amor é como o resto... A gente  
Quando menos espera, logo sente  
Apagar-se o clarão da ignota chama".

Eu sei que tudo é como o fumo leve:  
Foge... mas, porque a vida seja breve,  
Há sempre um dia mais para quem ama.

Pancrácio Lima, o mais ardente e impetuoso, esgrimindo a palavra oral com extraordinária rapidez, numa linguagem sempre colorida, em que as imagens eram frequentes e elevadas, revelava-se um orador de largos recursos e ágil na urdi-

dura dos temas que desenvolvia. Foi o único dos três que nada deixou que pudesse mais tarde atestar a fôrça de sua capacidade intelectual. Nunca escreveu um discurso ou uma conferência, mas era uma voz sempre aclamada nas reuniões sociais ou nas festas literárias de Fortaleza daqueles tempos.

Saído havia pouco do Seminário e funcionário dos Correios, modesto, simples, magro, fanadinho e afobado, estudioso e inquieto, sobraçando sempre um montão de livros, — medicina, direito, literatura, o moço orador lia tudo que encontrava, anotava tudo e discutia com desembaraço toda vez que o trouxessem ao campo da discussão.

Na bibliotéca, nos bancos do Passeio Público, nas livrarias, podia Pancrácio Lima ser encontrado sempre às voltas com os livros, lendo inteiramente abstraído do que estivesse ocorrendo em tórno. Em casa, noites a fio não pregava olhos. E a custa desse extraordinário sacrifício, que constituia um verdadeiro prazer, acumulou conhecimentos superiores à sua idade, mas, por outro lado, foi rapidamente declinando e deste modo apressando a sua própria ruina. Quando falava atraía a atenção de todos e as palavras caíam-lhe dos lábios, em catadupas, escachcantes. Recordo uma ocasião em que a Escola de Aprendizés Marinheiros comemorava uma grande data dos seus anais. Nessa época a Escola de Aprendizés era localizada onde hoje se ostenta o edifício da Secretaria da Fazenda. Marujos em forma, em uniforme de gala, a fina flôr da sociedade, e autoridades enchiam o vasto salão engalanado e deslumbrante de luzes. Facultada a palavra, assomou à tribuna entre palmas delirantes, no apogeu de sua glória de orador, a figura simpática de Quintino Cunha, que, no arrojo de sua fértil imaginação, trouxe suspenso o auditório. Falar depois de Quintino Cunha era temeridade. Entretanto, do meio da assistência levanta-se um rapazinho de estatura mediana, franzino, pede a palavra e sobe à tribuna. Houve movimento geral de admiração. E o moço orador, discorrendo sôbre a data solenizada, conquistou rapidamente o auditório, eletrizou-o, e a oração cívica que pronunciára, aqui e alí interrompida por aplausos calorosos, fôra realmente uma peça pela riqueza da linguagem segura e cantante, pela tonalidade da voz, pela gesticulação, pela imaginação viva, ágil e feliz. Era Pancrácio Lima, êsse orador gigante, cuja fisionomia provocara a princípio a admiração do auditório.

Ainda soava no ar o eco dos últimos aplausos quando Carlos Camara, parente e amigo do moço orador, aproximando-se, diz-lhe ao ouvido, após cumprimentá-lo pelo bri-

lho de sua oração : ouvi, logo que deixaste a tribuna, Quintino Cunha dizer — este rapaz tem boa memória ! Todas as vistas estavam voltadas para o moço atrevido, que ousara falar depois de ter falado Quintino Cunha. Pancrácio, porém, sentindo-se ferido na sua vaidade, voltou à tribuna e disse: recitei, ha pouco, como asseverou festejado tribuno, um discurso decorado, mas, agora, sôbre o mesmo assunto, venho falar de improviso. E começou. Não excedeu de quinze minutos a oração, não se afastou do tema e foram tão bonitas as suas palavras, tal a sua eloquência, tão oportunos os seus conceitos, tal a sua erudição, que causou assombro ao auditório e ao grande tribuno popular, que abraçou sorrindo. Ninguém o vira, terminada a festa. Pancrácio fugira para evitar cumprimentos. Esta foi a prova decisiva de seu talento oratório, quando ainda era um rapazinho de vinte anos incompletos.

Num dia triste, circulou, na cidade, a notícia dolorosa, que Pancrácio havia enlouquecido. Ia-se calar uma voz que seria um portento na tribuna. Faz mais de trinta anos que êsse espírito mergulhou na treva. Internado naquele sombrio casarão de estrada de Parangaba, cheio de dolorosas reminiscências, arrastou por longos anos o fardo da vida, ignorado, esquecido da geração atual, que não o conheceu, e da sua própria, para quem é morto. Às vezes em momentos fugidios de nitidez, que rasgam relâmpagos na noite de seu espírito, em improvisos rápidos e tocantes, pedia que o soltassem, que o tirassem dali, que lhe abrissem as portas da prisão, que lhe dessem liberdade. Como é caprichoso o destino ! Seus derradeiros discursos não provocavam entusiasmo, porque em linguagem triste e comovedora, provocavam pena; não arrancavam aplausos, porque não tinham público, mas arrancava lágrimas das religiosas que o escutavam; não pediam vivas, mas reclamavam preces. Pobre Pancrácio ! Dos três o mais infeliz !